

Notícias de Guimarães

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

ANO 20.º N.º 1038

GUIMARÃES, 9 de Dezembro de 1951

Redacção e Edm., R. da Balança, 56-B Tel., 4313

Comp. e Imp., Tip. Ideal. Tel., 4381

VISADO PELA CENSURA

— AVENÇA —

Santa Casa da Misericórdia

Um pleito em presença

Está a Mesa da Santa Casa a contas com certo comentário acre feito à sua gerência.

Sendo o serviço da Mesa *acto público*, não causa estranheza que se discutam, com aplauso ou discordância, os actos administrativos da Misericórdia. Se quem discorda se apresenta com correcção, fundamentando-se, nada há que estranhar.

Trata-se de um comentário jornalístico.

Que diz o jornalista Vize-lense?

Não li a referência ao acto da Mesa da Santa Casa. Ponto-a, pois, à margem.

Confino-me a apreciar, com alguns elementos do passado, a posição delicada em que se encontram as duas instituições — a Misericórdia vimaranense e o Hospital vizelense.

Vejam os:

Foi em 1876 que António Francisco Guimarães chegou à Misericórdia da nossa terra, com o encargo de fundar em Vizela um Hospital. Não fixou este legado um prazo para a realização do citado estabelecimento. A Santa Casa de Guimarães se deixou a escolha da oportunidade, que ficava dependente dos rendimentos poderem bastar para a manutenção do mesmo Hospital a fundar.

Decorrem alguns anos (1883) e é nomeada em Vizela uma Comissão composta dos elementos mais representativos daquele centro populacional, com o objectivo de darem os primeiros passos para a efectivação do pensamento do benemérito doador. Desta comissão faziam parte: os párocos das freguesias de Vizela e Moreira de Cónegos; os presidentes das Juntas das mesmas freguesias; o Director do Balneário Termal e o médico dr. Abílio Torres.

Dois anos decorrem. Nova comissão é eleita. E, como na primeira, os vizelenses têm destacante representação.

Doze anos decorridos da data inicial, é feita a aquisição do terreno.

Vai surgir o Hospital?

Ainda não. O terreno ainda não estava adquirido.

Em 1889 outra comissão, com elementos da mesma origem, aprecia sobre a espécie de corporação que deviam fundar. E projecta-se lançar as bases de uma Irmandade da Misericórdia. Nada, porém, se fez.

Entretanto, chega o advento da República. Despertam os ânimos dos políticos vizelenses. Agitam, intrépidos, a Bandeira da Misericórdia — a consecução do Hospital de Vizela.

Pois quê! Acaso a efectivação do Hospital em Vizela tinha opositores? Pelos antecedentes históricos, parece que não havia más vontades contra semelhante propósito de realização. Vê-se que as *demarches* para a aquisição do terreno, se alguns atritos contou, se para os vencer foi preciso um largo período de maturação, isso era devido aos contrários vizelenses.

Porventura se fazia política do caso?

Enfim, a causa do Hospital entrou na pugna jornalística e nos discursos comicieiros. Em 1911 vai a Vizela o chefe do Distrito. Por entre vivas à

Por A. L. DE CARVALHO

República pude ouvir, lançadas de uma varanda para a multidão da rua, algumas palavras candentes. Nelas se podiam descobrir alusões desprimorosas a Mesas da Misericórdia de Guimarães.

Que factos, que provas, que fundamentos de hospitalidade se apresentavam a justificar semelhantes alusões?

Nada! A circunstância de se haverem passado 35 anos sem que se consumasse, se realizasse o pensamento generoso de António Francisco Guimarães, isso, *só por si*, deixava supor, imaginar a existência de adversários à ideia da fundação do Hospital. Contudo, se algumas objecções, acaso, eram apresentadas pelas Mesas administrativas

da Santa Casa quanto à oportunidade de erigir um Hospital em Vizela, todas partiam deste ponto sério e digno de ponderação:

Pode fundar-se o Hospital e dar-lhe autonomia administrativa, a dentro dos seus recursos próprios?

Da banda dos vizelenses, daqueles que peroraram da varanda de um prédio junto à ponte do rio Vizela, em 1911, para a multidão que os aplaudia, nenhum raciocínio, nenhuma crítica serena os orientava. O que em semelhante momento se tinha em vista, era — fundar o Hospital!

O tentame único dos vizelenses consistia em começar com as obras do edifício hospitalar. O resto, por nebuloso que fosse, não seria com eles. Quando muito, depois se veria. Depois se veria se os rendimentos do legado chegavam ou não para a manutenção do Hospital.

Só as Mesas directivas da

Continua na 2.ª página.

A situação da Imprensa Regional perante o problema do papel

Tendo aumentado cem por cento o custo do papel de impressão para jornais, toda a imprensa do país se vê a braços com uma situação bastante difícil, visto que são insuficientes as receitas, se se atender às incomportáveis despesas que terá de suportar.

Assim, e no intuito de poder fazer face ao agravamento sofrido, por virtude do aumento do custo do papel e ainda de todos os artigos tipográficos, os jornais locais, «O Comércio de Guimarães» e «Notícias de Guimarães», seguindo o exemplo de outros colegas da Imprensa Regional do País, resolveram fazer um pequenino aumento ao preço da sua assinatura, certos de que todos os leitores compreenderão os motivos que obrigam as respectivas empresas a tomarem tal resolução.

O Director do «Comércio de Guimarães»,
Eduardo de Azevedo Machado.
O Director do «Notícias de Guimarães»,
Antonino Dias Pinto de Castro.

Passagem de MODELOS

Por AURORA JARDIM.

Cândida Alves à frente, na *lingerie* e na moda de Paris. Júlio Gomes Ferreira nos lindos chapéus e a «Casa Africana» melhorando dia a dia na escultura da silhueta moderna.

E outras, daqui e de Lisboa. A mulher portuguesa vai-se habituando à passagem de modelos, não tanto para orientação pois, para isso, tem revistas, jornais e o seu próprio bom gosto, mas principalmente como reunião elegante aonde, se vai para ver, vai também para se mostrar.

Sussurro de vozes um nadinha excitadas, entrechocar de chavesas e opiniões, perfumes pairando, sedas a roçar, peles em opulenta demonstração, parada de chapéus. E todo o fervilhar da eterna tentadora — a Moda — em observações e descobertas:

— Olha, repara no tecido. Como cai bem! E' cetim *duchesse*.

— Adorava ter aquele casaco tom de rubi. E' *caniche*, a fazenda n.º 1 de 1952.

— Eu prefiro a metaline, com um fio doirado formando quadrados. Ou, então, a montana, tão peluda como um *cocker*.

— Vejam este chapéu. Que *allure*!

— E' moderno. Mas já repararam que as abas tombadas assim, dos lados, nada favorecem?

— Pelo contrário. Envelhecem bastante. Eu não quero.

— Tanta pedraria! Como a moda é rica, este ano...

E o fru-fru estonteante continua enquanto lindos manequins entram, passam e saem.

Nota final: por que será que, no Porto, não há, como lá fora, homens assistindo às passagens de modelos?

Será por prudência? Com medo do ataque à carteira?...

Carta A UMA SENHORA

Minha Senhora

Como nós nunca podemos agradecer a todos — e aqueles que procuram fazê-lo são os que menos confiança nos poderão merecer — é muito crível que as minhas duas cartas anteriores não a tenham deixado tão satisfeita como seria para desejar. E de crer, minha Senhora, que as considerações que fiz nas duas referidas cartas não tenham correspondido aos desejos de V. Ex.ª, isto é, que tenham sido feitas com demasiada benevolência perante a falta de humanidade praticada por certas pessoas que desperdiçam em orgias e prazeres de toda a espécie quantias fabulosas do dinheiro que lhes sobra, sem que, a par desses destemperos de uma vida desregrada e quantas vezes cheia de podridão, pratiquem uma única acção de benemerência.

Se assim o compreendeu, minha Senhora, só tenho a dar-lhe razão e, portanto, a penitenciar-me por não ter sido mais rigoroso nas minhas apreciações acerca de tais pessoas. Porém, se não o fiz é porque pertenço ao número daqueles que preferem a sinceridade da brandura à arrogância da dureza. Como sabe, minha Senhora, não é com o vinagre que se apanham as moscas e poderá ser, em face disso, que a suavidade das minhas considerações tenha conseguido algum resultado satisfatório no sentido de alguns corações *capeados* de cimento se tornarem susceptíveis de vencer a resistência desse produto e deixarem passar através dessa couraça da deshumanidade o fruto de boas acções. Porisso, embora V. Ex.ª gostasse de me ver mais contudente, suponho que, depois desta explicação, se dignará fazer justiça às minhas intenções.

De resto, eu também sei que V. Ex.ª possui sentimentos nobres, na verdadeira acepção desta palavra, e isso me basta para a julgar incapaz de deixar de fazer a devida justiça à sinceridade e lealdade com que costumou proceder.

No entanto, minha Senhora, não ignoro que o velho adágio «*Não sirvas a quem serviu nem peças a quem pediu*» se transformou, infelizmente, em «*pão nosso de cada dia*», tantos são os casos em que a projecção do mesmo nos aparece no auge da sua existência. Em geral, quem passou, astronômicamente, da caserna da necessidade para o solar da abundância é quem menos se compadece do sofrimento alheio e V. Ex.ª desculpar-me-á, mas isso verifica-se com maior frequência no seu sexo do que no meu.

Ainda há dias, uma pseudo-Senhora, que se encontrava num

estabelecimento comercial e exibindo uma indumentária de nova rica, respondeu a uma mendiga velhinha, gelada de frio, e talvez amargurada pela fome, o seguinte: «*Olhe, se não tem que comer, meta-se naquela fraguneta e que a leem ao rio*». A velhinha, muito lamurieta, apenas respondeu: «*Ai, minha Senhora, é muito triste a gente passar fome e frio*». E a tal pseudo-Senhora, impassível, retorquiu: «*Sim, sim. Eu abaleio*». Escusado será dizer que os termos *fraguneta* e *abaleio*, estão sujeitos aos direitos reservados da autora e apenas comprometidos pela extensão do saloio vocabulário da sua conversa. Quanto a exemplares desta natureza, nos quais o predomínio da ignorância ultrapassa a meta do atrevimento e da falta de Caridade, limitar-me-ei ao exemplo apontado, mais um a demonstrar que «*não é o hábito que faz o Monge*».

Mas, minha Senhora, deixemos as *erbas daninhas* e falemos do pão que mata a fome e do agasalho que mata o frio. E' preciso que todos nos convençamos de que este mundo não é mais do que uma passagem, a menor ou a maior prazo, para a vida eterna e que, em semelhantes circunstâncias, a felicidade de uns de modo algum poderá ter o direito de escarnecer da infelicidade de outros e muito em especial daqueles que já viveram com certo conforto e que hoje vivem sem a mais pequena parcela do bem-estar que, então, era levado por eles aos lares mais pobres. Quero lembrar-lhe, minha Senhora, os pobres envergonhados, dos quais lhe falei na minha primeira carta e que são, exactamente, os que não vão à Ceia de S. Crispim, à Casa dos Pobres, etc. etc.. Seria, sobretudo, em benefício destes que deveria reverter uma parte daquilo que não fica por cá na quadra do Natal.

Sim, minha Senhora, porque a Caridade bem ordenada deverá principiar por nós próprios e os vimaranenses podem ufanar-se do que fazem em prol dos seus pobres. A Câmara Municipal por um lado e a iniciativa particular por outro desenvolvem uma acção assistencial, no concelho, que se torna digna dos maiores encómos.

E dito isto, minha Senhora, não me chame impertinente por mais esta estirada cadeia de considerações, as quais poderá comentar ao mesmo tempo que aprecia o conforto que lhe dá a sua braseira, aliás merecido, por não ser daquelas que mandam os pobres para o rio... Que ligados e que coração!

De V. Ex.ª
Cd.º Ven.º e Obg.º
Dezembro de 1951.

X.

A situação das nossas Casas de Assistência

apreciada

na JUNTA PROVINCIAL

O Procurador pelas Casas de Assistência de Guimarães à Junta da Província do Minho, sr. António José Pereira Rodrigues, fez sentir, na reunião daquele Organismo do passado dia 3, a precária situação das Casas de Assistência de Guimarães, nas seguintes afirmações que ali fez, depois de haver saudado os srs. Governador Civil, Presidente e demais membros da Junta:

«Como representante das Casas de Caridade de Guimarães, consideradas de utilidade pública, deixo formular um pedido simples. E' que, na medida do possível, a Excelentíssima Junta tenha sempre presente as necessidades das Casas de Caridade de Guimarães que, de dia para dia, se tornam maiores, dada a circunstância de algumas delas viverem apenas dos seus próprios rendimentos e algumas até, como a Oficina de S. José e o Asilo de Santa Estefânia, viverem quase exclusivamente da caridade pública.

Na cidade de Guimarães há, como V. Ex.ª muito bem sabem, além do Hospital da Misericórdia com Asilo de Velhos, os Hospitais, tam-

bém com Asilos para ambos os sexos, das Veneráveis Ordens de S. Francisco e S. Domingos. Há também a Oficina de S. José, o Asilo de Santa Estefânia, o Asilo de Mendicidade dos Santos Passos, a Casa dos Pobres e várias Conferências de S. Vicente de Paulo. Todas estas entidades prestam magníficos serviços de assistência e educação à população pobre do concelho de Guimarães.

A existência de qualquer destas Casas de Caridade vem de longa data. Tendo passado por fases de dificuldades enormes, nenhuma delas ultrapassou as que no momento presente estão a sentir. Valia-lhes de muito o socorro provindo dos benfeitores que dia a dia lhes era prestado. Não se sabe porque, esse socorro vem diminuindo, do que resulta aumentarem as dificuldades para a sua manutenção. Para esta situação peço licença para chamar a esclarecida atenção da Ex.ª Junta de Província para que dentro do possível lhes preste todo o auxílio que estiver ao seu alcance.

Especialmente permito-me chamar a atenção da Ex.ª Junta para o número um da alínea *a)* do plano de actividades para 1952 pelo muito que interessa à Oficina de S. José e ao Asilo de Santa Estefânia, que gastando bastantes medicamentosos lhes convém que o seu fornecimento seja feito por preços razoáveis, o que não é conseguido com a aquisição por intermédio das farmácias, como vem sendo feito. Refere-se o número quatro da mesma alínea ao internamento de menores nas condições habituais. Se o internamento a que o referido diz respeito dá lugar a que sejam recolhidas em casas próprias, menores de 15 aos 18 anos, o Asilo de Santa Estefânia tem por vezes necessi-

MÃE, BÊNÇÃO DO CÉU...

(Para o Dia das Mães)

Mãe, Rainha do Lar cujo trono é feito de canseiras, abnegação e afecto.

Na família, ela reina não pelo mando, não pela formosura; mas, sim, pela bondade e pela força da sua fraqueza: na delicada e resignada missão que comove e domina pelos estremecimentos e afagos com que constrói e solidifica mundos de ternura.

Mãe, carinhosa Fada que estreitando os filhos nos braços, tece e sonha para eles, por entre beijos e anseios, destinos maravilhosos que em seu enlevo acalenta.

Participa da Divindade nas tenras criações às quais vai modelando a alma em requintes de sensibilidade e extremos de amor, nos arroubos de um infinito sentimento.

Aos filhos, em sua bênção, lhes daria o Céu...

Como neste dia, na ara festiva do coração, nenhum deles deixe de acender o lampadário votivo da sua alma, em comovida Homenagem de Veneração A'que-
la cuja afeição incomensurável transcende todas as amizades, cuja dedicação imensa e imutável tem a duração de todos os momentos de uma vida.

Rio de Janeiro, 1951.

Elísio de Vasconcelos.

Terminaram as Festas Nicolinas

Terminaram na 5.ª-feira com o Cortejo das Maças e, à noite, com as Danças, intituladas *Bailarico Internacional*, cuja letra foi feita pelo nosso prezado amigo sr. Luís Filipe Coelho, as Festas Nicolinas.

Ambos os números satisfizeram. Nas «maças» tomaram parte diversos carros vistosamente decorados. As Danças despertaram bastante curiosidade e deram motivo para justas felicitações ao seu autor.

No dia 5 efectuou-se o *Bando Escolástico*. O «Pregão», da autoria do distinto poeta T. Mendes Simões, agradou. Tinha sabor nicolino e foi feito por um *velho* que à festa sempre tem emprestado desde velhos tempos todo o seu entusiasmo.

No seu «Pregão», Mendes Simões criticou, como é habitual, alguns problemas locais e fe-lo com delicadeza e graça. Está de parabéns pelo seu magnífico trabalho em prol das Nicolinas.

No dia 4 realizaram-se as *Posses* e o *Magusto*, números que, como sempre, trouxeram para a rua considerável multidão de pessoas.

dade de transferir para casas de correcção algumas das suas internadas que por darem mostras de virem a ser mal comportadas se vê na necessidade de recorrer a esse meio. Na parte a que se refere o número cinco da mesma alínea, não me furto de chamar a atenção da Ex.ª Junta para as dificuldades por que passa o Asilo de Santa Es-

Paços do Concelho Farpas

Somos forçados a interromper a análise do plano de actividades para 1952 que vínhamos fazendo, no exercício, aliás, por tantas dificuldades embaraçado, de um direito, que devia ser sagrado, de livre crítica.

E' que surgiu um novo e furioso ataque à obra de construção do edificio dos Paços do Concelho, e ninguém nos perdoaria, atendendo à posição que neste assunto temos tomado, que não assumissemos rapidamente o nosso posto de combate pela continuação da obra, ou seja, pela razão e pelo interesse da terra.

Não se nos afigura ainda que a sorte do edificio esteja para se decidir tão cedo, mas, de facto, temos que acudir, como pudermos, ao alarme ansioso de uma cidade inteira que se vê ameaçada de lhe ser, maquiavêlicamente, tolhida a realização final de uma das suas mais belas e queridas aspirações.

O ataque recente foi urdido em duas fases.

Primeiro reuniu o Conselho Municipal, extraordinariamente, quase que sem aviso prévio, para discutir o ante-plano de urbanização que dormia um sono de anos, votado ao ostracismo desde que, com desconcertante surpresa, se reconheceu que nele não estava a almejada condenação dos Paços do Concelho e obras adjacentes.

E nessa reunião, que foi laboriosa, decidiu-se, por unanimidade, aprovar o referido ante-plano com algumas alterações, entre as quais as que resultaram do estudo a que havia procedido uma comissão composta por vereadores e membros da Comissão de Estéticas.

Não houve a coragem de declarar, franca e claramente, que o ante-plano foi aprovado com a alteração de se deitar abaixo a parte já construída dos Paços do Concelho. Não houve a coragem de se mencionar os nomes dos componentes da tal comissão de vereadores e de estetas. Não se descobriu a maneira de arranjar uma tabuleta legal para essa comissão, que lhe desse aparência de qualquer espécie de competência. E julgou-se que, com este jogo de empurra para uma comissão anónima, a encomenda recebida de um golpe de picareta demolidora nos milhares de contos e na jóia de arte que representa a parte já construída dos Paços do Concelho ficava satisfeita, sem responsabilidades para os competentes e simpatizantes que tomaram parte na reunião e deram o seu voto a este tremendo disparate de esbanjamento e desprezo pelo progresso da terra.

tefania, que necessita de ser auxiliado por todos, inclusivamente pelas entidades oficiais, o que infelizmente não tem acontecido até hoje.

Referem-se as alíneas a e b da proposta a melhor as Colónias Marítimas. Na verdade, o auxílio a prestar às crianças com a criação destas Colónias é muito louvável pelos benéficos efeitos que as crianças tiram do seu estadiamento junto do mar. A Oficina de S. José e o Asilo de Santa Estefânia, que há muitos anos levam as suas crianças, na época balnear, para a Póvoa de Varzim, sendo-lhes facultado pela benemérita Misericórdia daquela vila o seu alojamento num dos pavilhões que possui, correm o risco de possivelmente no ano próximo o deixarem de ter essa regalia. Se assim acontecer, é com grande mágoa que as Direcções daquelas duas Casas verão desaparecer os efeitos da estadia das suas crianças naquela praia.

De esperar é, pois, que a medida do possível esta Excelentíssima Junta procurará ajudar a resolver um problema de tão grande importância.

Julgou-se, mas não se conseguiu. Estão apontados, com todas as letras, os nomes de quantos tomaram parte nessa sessão memorável e a seu tempo eles serão lembrados e publicados bem visivelmente, para que a história os não ignore, se alguma coisa de prático resultar da decisão tomada.

A Câmara tinha, porém, de se pronunciar, porque ela é que executa, e então começa a segunda fase da batalha. Ninguém quer ocupar a posição da frente; a presidência e os seus colaboradores apagam-se e escondem-se atrás uns dos outros; é necessário um bode expiatório e o bode aparece, é ele próprio que como tal e por estes mesmos termos se nos apresenta no arrazoado da sua proposta, logo afixada no mostrador de uma casa comercial, e aqui publicada no último número. Num assunto desta natureza não há bodes, há homens com as responsabilidades inerentes às honrosas, embora penosas, funções em que se deixaram investir. Todos eles, os que constituem a Câmara, e nenhum exceptuamos, merecem o respeito geral e a nossa mais alta consideração; desta não desmerecerão no que se relacione com o exercício das suas funções públicas; são todos, portanto, do primeiro ao último e por igual, responsáveis pelos seus actos e não precisam de bode expiatório que os cubra.

A proposta apresentada e publicada é, pois, da Câmara, de toda a Câmara. Como tal vamos discuti-la; entendemos que, num assunto de tal magnitude, de tão alto interesse para a cidade e concelho, ninguém querará amordaçar-nos, que nos deixarão dizer de nossa justiça, que é a justiça de todos os vimeanenses bem intencionados e amantes da sua terra. Se assim não sucedesse, se essa liberdade não fosse permitida, o silêncio a que nos forçassem seria a condenação mais eloquente, e mais severa e retumbante, da obra de demolição em que se pensa.

Vamos, portanto, em dois ou três artigos, demonstrar:

a) que o edificio cuja construção está suspensa, da mesma forma que não atenta contra qualquer religião, também não pode ser causa do marasmo, mais uma vez confessado, de que, pelo contrário, a sua suspensão é efeito;

b) que é ofensivo da dignidade dos poderes públicos a pretensão atrevida de se atribuir a falta de realizações de interesse progressivo para este concelho ao facto de se não destruir a parte já construída do edificio;

c) que é falso ter o autor do projecto tomado a iniciativa de transferir a sua construção para a Rua de S. Dâmaso;

d) que carecem de fundamento sério as afirmações de que os dirigentes da nação condenaram, formalmente, o prosseguimento da obra;

e) que é falso resultar da conclusão da obra qualquer prejuizo para o realce dos Paços dos Duques de Bragança, que, pelo contrário, a visão de conjunto dos Paços do Concelho, Paço dos Duques e Castelo, sobretudo, de uma grande parte da praça, será de um efeito maravilhoso; publicaremos as fotografias comprovativas;

f) que as construções necessárias dentro das mesmas, na proposta preconizadas para os terrenos entre as ruas Nun'Alvares e Serpa Pinto e Estrada de Fafe e Rua Ro-

... Isto anda tudo ao contrário. Não sei se por um fadário Se para vossos castigos! Afirma-me uma velhote A quem Deus deu certo dote... Falando, há dias, comigo.

«E se tenho de provar O que lhe estou a afirmar, Oiga-me mais uma vez: Tenho filhas. A casada Quanto a filhos não tem nada... E a solteira já tem três!

Nos prédios essas janelas De pedra lavrada, belas, Eram abertas à altura, Agora, amigo, tombaram... Os architectos teimaram Em as traçar... à largura!

Porque isto estava em depósito Saiu agora a propósito De, quarta-feira passada, Alguém andar a cantar A HOMENS e a tocar Até alta madrugada!

Antigamente, leitor, O puro, o sincero amor Que às Damas se dedicava, Era, ao luar, transmitido Com bandolins, num gemido, Por quem as Damas amava.

Mas há hoje apaixonados Que vão cantar lindos fados Não a formosas donzelas Mas sim a homens perfeitos Que agradecem, satisfeitos, Com discursos... das janelas!

Os ramos de violetas Que as formosas Julietas Ofereciam aos Romeus, Deram lugar aos discursos Por quem tem sempre recursos Para falar, Santo Deus!

Tinha o velhote razão Quando, agarrado ao bordão Por causa das dores nas cruzes, Contava, com certa graça, O que sabia e se passa Em pleno Século das Luzes.

Darmoa.

Li de Vizela o jornal E como parece mal A discussão com pichotes... E, ainda, porque não vi Resposta ao que escrevi, Deixo esse Zé aos pinotes.

Darmoa.

ESCRITOR CORREIA DA COSTA

Tem estado em Paris, como assistente à VI Assembleia Geral da O. N. U., o nosso ilustre Colaborador e Amigo, Escritor dr. Correia da Costa, que dali nos enviou as suas saudações.

berto de Carvalho, principalmente o primeiro, é que intercederiam a vista dos Paços dos Duques, tornando a praça numa banalidade; mostrá-lo-emos também com fotografias;

g) que os mais categorizados architectos modernistas, de talento evidenciado em obras de grande beleza e projecção, consultados ultimamente por um Artista vimeanense que todo o concelho de Guimarães respeita e admira, são de opinião que se não deve destruir a obra já feita do edificio e consideram o seu projecto correcto e à altura dos méritos do grande architecto que foi Marques da Silva, um dos melhores de Portugal como de qualquer parte do mundo.

Eis o nosso plano de defesa da obra dos Paços do Concelho, que tencionamos completar com um plebiscito dos habitantes da cidade, que serão convidados para se pronunciarem sobre a demolição do que está feito, e com uma conferência que havemos de solicitar de Sua Ex.ª o Sr. Doutor Oliveira Salazar, que temos a certeza, conhecedores como somos dos requintes da sua elegância moral e intelectual, nos receberá e ouvirá com aquele alto e clarividente espirito de justiça que os seus maiores adversários políticos se honram em lhe reconhecer.

M.

Um pleito em presença

(Continuação da 1.ª página)

Misericórdia de Guimarães é que não podiam correr atrás de optimismos fáceis, entusiasmos espicaçantes. Tudo para a Santa Casa se consubstanciaria neste ponto concreto e único: fazer obra perdurável, com futuro. Que, numa palavra, *chegassem os rendimentos do legado para a sustentação do Hospital a criar em Vizela.*

Quando não, teria o estabelecimento de ficar sujeito a uma assíxiante tutela administrativa. A outorga do Hospital corria o risco de se haver de sujeitar a uma severa restrição de assistência. A Misericórdia de Guimarães falharia ao generoso pensamento do doador.

Estando Vizela tão perto da sede do concelho, conviria à economia hospitalar da Santa Casa erguer um Hospital privativo?

Este bom senso administrativo que norteava a Misericórdia vimeanense, foi sempre tomado por muitos vizelenses à conta de opposição sistemática, de usurpação, de *espoliação* até da legitimidade dos seus direitos.

Assim, em 1911, o ilustre chefe do Distrito ordenou que, *sem perda de tempo* se fizesse o contrato de aquisição dos terrenos para a construção do Hospital de Vizela.

E logo tudo se começou de realizar, com deligência, com ânimo resolutivo, surgindo ao cabo de pouco tempo o edificio hospitalar.

Começou, numa alvorada luminosa, em hora festiva, o funcionamento do Hospital. E a contabilidade da Misericórdia vimeanense, tal como o viera fazendo com os juros do *legado de Campinas*, — como ficou conhecido o legado de António Francisco Guimarães — começou de fazer conta à parte, entre o Hospital de Vizela e a Santa Casa da Misericórdia de Guimarães. Ao cabo de anos, os algarismos dando-se batalha em golpes do *Deve e Haver*, ofereceram este resultado, constatado, há pouco, em nota officiosa:

— *Verifica-se, quanto ao Hospital António Francisco Guimarães, em Vizela, que a despesa prevista é de 72.890\$00, e a receita (juros do capital mutuado, rendimento de propriedades e de diversos serviços) é de 27.600\$00, importância a que a Misericórdia tem o direito de deduzir a percentagem de 10 % para efeitos de administração.*

Quer dizer:

Ao cabo de anos, a experiência veio demonstrar: *Que o sonho legítimo dos vizelenses em ter um Hospital privativo, não podia subsistir!* Para o sustentar não chega o rendimento do legado de Campinas. Razão tinham, pois, as antigas Mesas da Misericórdia, que, sem dispersar, sem desviar nada do rendimento do legado, durante anos foram aumentando, juntando o rendimento do juro ao capital, deixando para mais tarde a construção do Hospital.

Que fazer nesta emergência, para solução do problema? Foi o caso affecto à assembleia dos Irmãos da Misericórdia. Esta, por sua vez, deu à Mesa um voto de plena confiança para decidir.

A honesta e fadigosa gerência que a Mesa da Santa Casa tem feito durante o largo período do seu mandato, é garantia de que bem saberá resolver o presente *caso administrativo*. Como humilíssimo Irmão da nobre instituição, daqui lhe

Ainda a Festa de Confraternização dos ESTUDANTES "VELHOS,,

A festa de confraternização dos estudantes «velhos» do Liceu de Guimarães, que reuniu no amplo e confortável restaurante Jordão, quase 300 antigos alunos do nosso primeiro estabelecimento de ensino, pessoas de todas as idades e de todas as posições, foi sem dúvida uma notável afirmação de solidariedade, que permitiu a todos o recordar saudosamente os já afastados e alegres tempos de sua mocidade.

Estiveram presentes professores ilustres, como o Cônego Alberto da Silva Vasconcelos, José Luís de Pina, dr. Aventino Leite de Faria, dr. Filinto Elísio Vieira da Costa, nicólicos dos das primeiras horas, como Jerónimo Sampaio, Tenente Coronel Francisco Martins Ferreira e P.º José Gonçalves. Entre a assistência que ocupava nove extensas mesas viam-se: professores universitários, magistrados, médicos, advogados, oficiais do exército, sacerdotes, industriais, comerciantes, funcionários públicos, engenheiros, publicistas, etc..

Durante o repasto predominou sempre uma comunicativa alegria. Contaram-se episódios curiosos, houve ditos espirituosos e todos deram largas à alegria que experimentavam.

Havia entre a assistência muitas pessoas que, tendo feito parte dos mesmos cursos do Liceu, se não viam há muitas dezenas de anos. Ao encontrarem-se agora, graças à feliz iniciativa da reunião dos «velhos» estreitaram-se os braços em fortes amplexos de amizade e, falando de tempos idos, com verdadeira emoção foram recordados os condiscipulos, os Mestres, todos quantos a morte já levou...

Na altura própria fizeram-se os brindes. António Faria Martins falou em nome da Comissão promotora do almoço. E fê-lo com entusiasmo, tendo para todos uma palavra de saudação.

Depois o Rev. Cônego Alberto da Silva Vasconcelos ergueu-se para falar. E foi demoradamente aplaudido e, depois, escutado com respeitoso silêncio.

Brindaram ainda os srs.: Eng.º Helder Rocha e A. Fonseca e Castro.

Entretanto fez-se a leitura de telegramas recebidos de muitos antigos alunos que não puderam comparecer, entre os quais se destacava o que o Embaixador de Portugal no Brasil dr. António Faria, endereçou ao seu amigo e condiscipulo dr. José Pinto Rodrigues, concebido nestes termos: «Peço dizeres antigos alunos Liceu Guimarães quanto recordo nossos velhos professores e companheiros muito lamentando não estar presente tão simpática reunião. Afectuoso abraço (a) António de Faria».

A saudação do ilustre diplomata e nosso prestigioso conterrâneo foi acolhida com uma salva de palmas estrondosa e prolongada.

O almoço prosseguia, no meio do maior entusiasmo. Aproveitando uma feliz oportunidade surgiram então alguns «pregoeiros» do Bando Escolástico, desde 1950 até 1955, que recitaram, ante a grande expectativa de ansiedade e interesse, algumas passagens dos Bandos dos diversos anos.

Por último falaram, com grande

é uma realidade dizer-se que a **Sapataria Luso**

é a que melhor e mais modelos de calçado apresenta. BEM SERVIR, é o lema desta casa.

Foi inaugurada mais uma ala do Mercado Municipal

Com a assistência do Senhor Governador Civil do Distrito, dos Srs. Presidente e Vereadores da Câmara Municipal e diversas outras individualidades para tal fim convidadas, realizou-se ontem com muita solenidade a inauguração da Ala Norte do Mercado Municipal, o que representa um melhoramento para a Cidade.

A breve e simples cerimónia teve a assistência de muita gente que se juntou no local e aplaudiu o acontecimento.

ofereço o meu voto de confiança.

Em boas mãos está o caso — que reputo ser de pura administração.

A. L. DE CARVALHO.

calor, os srs. drs. Balbino de Carvalho, Gomes de Almeida, Artur Anselmo e Albano Eurico Fernandes Basto e foram lidos estes versos que um antigo estudante, hoje médico especialista muito distinto escreveu, no decorrer da enternecedora festa:

Lembrar os tempos do Liceu, é belo: Recordar bons amigos da infância E' reviver dentro de nós a Vida!

Ao "caloiro" cortava-se o cabelo: Não se dava valor a tanta coisa De valor sem igual quando perdida!

Os professores nunca fizeram mal: Assim pensamos hoje com saudade Nesta junção de filhos, pais, avós!

Saudemos Guimarães, valor real: Pois, sendo a Mãe da Terra Portuguesa, Proliferou o Bem que existe em nós.

E todos se dirigiram, então, ao som ruidoso de Zés P'reiras, até junto da Travessa a que foi dado o nome da *Senhora Aninhas* — «mãe dos estudantes», cuja placa foi então descerrada, numa cerimónia singela mas bem significativa. Pro-



A Senhora Aninhas, a «Mãe» dos Estudantes

feriu breves palavras o sr. António Faria Martins e agradeceu, em nome da Família homenageada, o sr. José Felix da Silva e Sousa. E falaram, então, eloquentemente os antigos estudantes, hoje figuras de relevo na sociedade portuguesa, srs. drs. Balbino de Carvalho, Artur Anselmo e Gomes de Almeida e o poeta Jaime de Sampaio. A concluir a saudosa evocação da vida escolar no Liceu de Guimarães, fez-se a visita ao Liceu, cujos mestres actuais foram saudados, agradecendo, em nome de todos e do próprio Reitor, ausente por doença, o sr. dr. Joaquim de Oliveira Torres.

Efectuou-se ainda breve visita ao Internato Municipal, onde teve seu termo a memorável festa de confraternização, que a todos deixou por certo as mais gratas recordações.

Do que leio e do que penso

No domingo, dia 2. A coroar o meu C. C. do dia 23, vinha ontem Avelino de Jesus Costa a iniciar artigo e seus epígrafados *Braga, Centro de Alta Cultura*.

Já ontem dizia muito. Pois é de esperar ainda muito mais.

Continua em parabéns a velha Braga!

Nem sempre é alto o prazer com que leio S. Azevedo.

Pois desta vez foi muito alto!

Tenha paciência, Senhor Mota.

Vou picar a minha conta. Dez escudos prò *Darmoa*. Outros dez prò nosso *A. L.* E mais não pode a bolsita.

Quarta-feira, dia 5. No meu peregrinar pelo *Diário do Minho*, referi-me em 7-X-50, ao caso de Rebordões, Santo Tirso, de «um Casal Feliz com seis Filhos e quatro Filhas, todos Religiosos».

Na 1.ª pág. do *Comércio do Porto*, de ontem, põe-se o Caso como sendo no Ultramar. Equívoco de reportagem. Pertence ao Continente o Caso Lindo.

GERESINO.

O amor à Terra e à Grei — eis o nosso lema.

FUTEBOL

VITÓRIA, 2 — BENFICA, 1

Brilhante e merecido triunfo dos vimaranenses

As equipas alinharam:

Benfica: — Bastos; Artur e Fernandes; Moreira, Félix e Francisco Ferreira; Lara, Arsénio, Aguas, Rogério e Corona.

Vitória: — Silva; Lourenço e Costa; Matias, Cerqueira e Rebelo; F. Mota, Nuno, Teixeira, Armindo e Franklim.

Árbitro: Reis Santos, de Santarém.

Primeira parte: 0-0.

Segunda parte: 2-1.

Aos 13 m., 1-0 por Costa; aos 19 m., 2-0 por Teixeira; aos 28 m., 2-1 por Rogério.

Enorme multidão se deslocou no passado domingo à Amorosa a assistir ao embate entre os nossos representantes e o até então guia do campeonato que decorre — Sport Lisboa e Benfica.

A cidade regorgitou de forasteiros, em especial lisboetas, que se deslocaram na sua grande maioria em combóio directo, e que deram à cidade um ar festivo. Mas fácil era reconhecer nessa gente a ansiedade e o nervosismo que o encontro em todos provocava e que depois, no campo, os levou a incitar as suas cores durante todo o decorrer de uma pugna que se creditou como uma das mais brilhantes, se não a mais brilhante de quantas se têm realizado na Amorosa.

Desafio pleno de emoção e interesse espectacular, onde o lance viril no disputar do esférico e a velocidade imperaram, tornando o jogo numa verdadeira e admirável luta de campeonato.

Ambas as turmas usaram de futebol prático, procurando atingir a balisa adversária com rapidez. E foi do balanço favorável deste empenho que o Vitória conseguiu tomar ascendente sobre um adversário que se sentiu impotente para conter o ardor e ímpeto dos seus homens, os quais fizeram ainda gala dum entendimento global perfeito, com passes bem medidos, em exibição harmoniosa, de forma a manterem em labareda alta o entusiasmo e alegria dos seus adeptos.

Estão pois de parabéns os componentes da equipa.

De início notara-se nos lisboetas um maior poder de infiltração, tendo forçado Silva a três defesas valorosas, uma delas a desviar em voo para canto um esplêndido pontapé de Aguas. Mas ao executar a que viria a ser a maior defesa da tarde, Silva incutira nos seus companheiros confiança ilimitada.

Na frente, o jovem Teixeira não dava tréguas à defesa lisboeta e o quinteto correspondia admiravelmente às insistências dos médios, em especial de Rebelo, que manobrava com plena autoridade.

O Benfica, com o extremo direito, Lara, inferiorizado, mostrava-se incapaz de bater a defesa do Vitória, que actuou em perfeita união de esforços durante o desenrolar da partida, para só quebrar em seu poder atlético aos 70 minutos de jogo, quando ganhava por 2-0. O resto do encontro passou-o o Benfica a procurar a todo o transe alterar o resultado, conseguindo apenas reduzir a diferença para um tento.

A marcação do 1.º golo dos locais foi deveras emotiva: Teixeira capta um dos muitos passes de Rebelo, domina Félix com subtilidade, e, de costas para a balisa, fulmina as malhas. Golo dos vimaranenses! Entusiasmo de loucura. Ante, porém, o pasmo dos assistentes, o árbitro ordena a marcação dum livre indirecto! O público fica atônito. Toque de Teixeira a Costa,

pontapé deste, violento, formidável, traduzindo todo o seu querer. E o guarda-lisboeta vai recolher o esférico ao fundo das malhas. Explodiram de novo os aplausos intermitentes por uma determinação estranha e que constituiu erro grave, pois transformou um golo em livre indirecto, quando mesmo que penalty fosse não devia ser assinalado, pois o beneficiar do infractor era um facto.

O Benfica mostrou ser uma grande equipa, sendo preciso para a vencer aquilo que aqui apontámos a quando do desafio do Vitória com o Sporting: exibição especial de toda a nossa turma, com actuação brilhante de vários elementos. O grupo possui valores individuais, astros do futebol nacional, e patenteia poder global, fruto do trabalho dum profissional de mérito há muito orientando a equipa — Ted Smith.

No Vitória, como já dissemos, todos se entregaram à luta de alma e coração, cheios de tenacidade, mas salientaremos por ordem de mérito os três melhores: Silva, com uma exibição primorosa; Teixeira, a confirmar tudo quanto temos escrito: domínio de bola, rapidez, vigor físico e prazer na luta, e Rebelo, que contra o Benfica se vai acostumando a disposição extraordinária. Os três defesas, bem, Armindo e Franklim realizaram boa partida. Nuno, Matias e Fernando, diligentes e esforçados, havendo a anotar o lance em que este último, sobre a linha de balisa, quando o desafio estava prestes a terminar, evitou o empate.

O árbitro, sr. Reis Santos, que durante muito tempo, pelo seu excelente trabalho, a todos satisfizesse, ia estragando a partida com a anulação do primeiro tento do Vitória.

Há que louvar o comportamento da assistência ao encontro, numerosa como poucas vezes se tem visto na Amorosa.

A grande falange de apoio ao Benfica principalmente merece um bravo, pois tendo sabido dispensar ao seu grupo incitamentos calorosos enquanto a sorte do jogo se não decidiu, acabou por aceitar com desportivismo e compostura admiráveis a vitória do adversário, não lhe regateando mérito.

Assim se dignifica o Desporto.

Bela jornada a de domingo.

Herländer.

Actividade Rotária

Na sua sessão de sexta-feira última, o Rotário Clube de Guimarães tratou, além de outros assuntos, o do Bodo do Natal.

Foram apresentadas algumas actualidades e tomadas diversas resoluções.

Acerca das Bolsas de Estudo criadas por Rotary Internacional e de que vão beneficiar 100 candidatos de diversos países, foram trocadas impressões.

O NATAL dos nossos Pobres

O NATAL aproxima-se.

E com essa aproximação vêm-nos à lembrança aquelas pessoas que vivendo horas de infortúnio e de desolação, sempre nos batem à porta na altura da festa consagrada à Família e nos pedem o auxílio de que tanto carecem.

E são tantas, tantas, essas pessoas — velhos, doentes, inválidos — que não podemos deixar de fazer eco do seu apelo, certos de que os leitores, sempre prontos para acorrer generosamente às necessidades do seu semelhante, não deixarão de voltar a colaborar connosco nesta cruzada de bemfazer.

Transporte . . .	2.380\$00
João Pedro de Oliveira .	20\$00
Carlos Alberto	20\$00
G.	10\$00
Heitor Guimarães . . .	20\$00
João Pereira Mendes .	20\$00
Pedro de Sousa Carvalho .	20\$00
D. Aurora de Freitas Saraiva .	20\$00
Dr. Manuel Ferreira da Costa	20\$00
Dr. Artur Ribeiro de Faria .	50\$00
P. José Ferreira Leite .	40\$00
Fernando Almeida . . .	100\$00
José Maria Santos Fonseca	20\$00
Desembargador Dr. António Carneiro . . .	50\$00
Francisco José da Silva Guimarães	40\$00
José Carvalho Melo . .	20\$00
Tenente Coronel Francisco Martins Ferreira .	20\$00
Dr. Manuel Jesus de Sousa	20\$00
Delfim Guimarães . . .	25\$00
J. Bastos Monteiro . . .	20\$00
A. L.	10\$00
Manuel Alves Machado .	50\$00
Padre Luis Gonzaga da Fonseca	20\$00
Braga & Carvalho, Lda .	20\$00
Benjamin de Matos & C.ª	20\$00
Dr. José Maria Castro Ferreira	20\$00
Manuel José da Costa Guimarães	20\$00
A transportar . . .	3.095\$00

Esclarecimentos úteis

Acerca da informação que publicamos sob o título supra, no nosso número 1.022 de 19 de Agosto último, cumpre-nos informar também que o solicitador provisionário sr. Casimiro Soares continua no exercício das suas funções até cessarem os efeitos da sua provisão no próximo ano.

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fizeram e fazem anos:

No dia 3, a sr.ª D. Maria Natália Costa Pimenta Machado, esposa do nosso prezado amigo sr. Alberto Pimenta Machado Júnior; no dia 7, o menino António Rodrigues de Araújo, de Carreira, Famlidão, e o sr. José Bernardino de Albuquerque de Oliveira Pires; no dia 10 a sr.ª D. Maria de Sousa Machado Araújo, esposa do nosso amigo sr. Joaquim Rodrigues de Araújo, de Carreira, Famlidão, e os nossos bons amigos srs. Fernando Inácio Sá Dias Pereira e Fernando Augusto Teixeira da Cunha, e os meninos Joaquim Afonso, filho do nosso bom amigo sr. António Teixeira de Sousa e David António, filho do nosso bom amigo sr. David Martins; no dia 11, mademoiselle Maria Francisca da Veiga de Castro Ferreira, filha do nosso prezado amigo sr. dr. José Maria de Castro Ferreira, e os nossos bons amigos srs. Jacinto da Silva Guimarães e Escultor António Azevedo, director da Escola Industrial e Comercial de Guimarães; no dia 12, os nossos prezados amigos srs. Rodrigo Fernandes Abreu, Alberto Laranjeiro dos Reis e Manuel Rodrigues, industrial, morador em Covas; no dia 13, as sr.ªs D. Maria Isabel Fernandes Guimarães e dr.ª Angélica Piçarro de Almeida e os nossos prezados amigos srs. Francisco Pereira da Silva Quintas, Eleutério Martins Fernandes e António Moreira Gomes, industrial em Gandarela; no dia 14, a sr.ª D.

PORTO KOPKE

HÁ TRÊS SÉCULOS

VINHO DE FAMA MUNDIAL

Esplêndida apresentação. Embalagem própria para BRINDES.

Licor de Singevergo

Agente e Depositário em Guimarães:

T. Mendes Simões

TELF. 4227

VISITE

ALPIMENTA

e poderá admirar as mais recentes criações em Móveis de todos os estilos.

RUA GIL VICENTE — GUIMARAES

PYE (PAI)

O rádio-receptor de Esc. 1.950\$00 com as características dos de preços elevados, com 4 válvulas e 5 desdobramentos de onda. Vendedor nesta cidade, João da Costa, Rua Rei do Pegú, junto à Fábrica de Malhas de Santa Luzia, telefone, 40322, técnico de rádio graduando pela «National Schools».

VER EXPOSIÇÃO NA «IMPERIAL» — RUA DE SANTO ANTÓNIO, 32-34

Pode obter-se a Prestações

TEATRO JORDÃO

HOJE, ÀS 15 E 21 HORAS

APRESENTA

Bette Davis - Barry Sullivan em **AMBICIOSA**

Eu fiz dele um homem!... Mas se for preciso convertê-lo-ei num farrapo. Um dos maiores dramas da temporada de 1951-52!

TERÇA-FEIRA, 11 -- ÀS 21 HORAS

Alexander Knox - Ann Sothern em **Arriscada Experiência**

Um drama estupendo que é uma lição para todos!!!

QUINTA-FEIRA, 13 -- ÀS 21 HORAS

Irene Dunne - Alec Guinness em **A RAINHA E O VAGABUNDO**

Um dos mais vibrantes acontecimentos do reinado da rainha Vitória. Nos complementos: «O Encerramento do Ano Santo em Fátima».

Brevemente: o maravilhoso filme português, «Saltimbancos», e os maiores êxitos da temporada de 1951-52!!! — «Triplô», «Três Segredos» e «O Facho e a Flecha». Brevemente: «Senhora de Fátima».

durante o ano de 1952, os nossos prezados amigos e distintos colaboradores srs. prof. Luís Filipe Coelho e João Xavier de Carvalho, respectivamente.

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia do «Laboratório Hórus», ao L. do Toural.

Vida Católica

Festa a Santa Luzia

No próximo dia 13, festeja-se no templo de S. Dâmaso, a Mártir Santa Luzia, com o seguinte programa:

Às 11 horas, missa solene, pelo grupo coral de Santa Cecília; às 17,30, exposição do Santíssimo Sacramento; às 18 horas, sermão pelo rev. Prior de S. Sebastião, Te-Deum e bênção eucarística.

Diversas Notícias

Vida mutualista

Foram recentemente eleitos para presidirem à Assembleia Geral e à Direcção da Associação de Socorros Mútuos Artística Vimaranense,

AGRADECIMENTO

A família do sempre lembrado Padre Augusto José Borges de Sá, sumamente sensibilizada com a grandiosidade das homenagens prestadas ao saudoso finado, as quais não mais poderia esquecer, não ficaria bem com a sua consciência, se não viesse mostrar a sua gratidão por essas espontâneas manifestações de saudade.

Por isso, à Comissão orientadora, à Imprensa, aos que concorreram directa e indirectamente, aos paroquianos da freguesia que pastoreou, à fidalga e nobilíssima cidade de Guimarães, aos que acompanharam a piedosa peregrinação ao seu túmulo, aos sacerdotes que celebraram, a todos que sufragaram a sua alma e a todos quantos tiveram uma lágrima de saudade, os mais profundos agradecimentos.

Cabeçudos, 27 de Novembro de 1951.

CASA — ALUGA-SE

No Campo do Salvador, com quintal, onde foi o antigo Hospital Militar. Falar com Baptista & Sampaio, telefone, 4561 — Gondar — Guimarães.

Impressões variadas

Continuação

Os serviços, impedidos e criados, e outros empregados, já com certa experiência da nossa língua, eram, além de dedicados, exageradamente cumpridores e empregavam a propósito e despropósito os tratamentos honoríficos que cada um tinha.

Mas o mais espalhado era o de «Vossa Excelência».

Esse então andava-lhes quase sempre na boca, e, assim, ouviam-se respostas como estas:

— Já comeste?
— Já comi, Vossa Excelência!

Ou então a propósito de calçado:

— Já engraxaste?
— Já engraxeiei, Vossa Excelência!

* * *

Todo o preto fuma e toma rapé; os pretos, pretas, velhos e novos, mas até mais elas do que eles.

Geralmente usam cachimbo, ou de barro ou de folha, mas também se adaptam ao cigarro.

E, coisa curiosa, usam o cigarro com a parte acesa para dentro da boca que, quando querem aspirar o fumo, com um movimento da língua voltam para fora e depois tornam a colocar na mesma posição, dando assim a impressão de terem o cigarro apagado.

Usam especialmente o tabaco de rolo, mas também apreciam o nosso em fio, e até o dos cigarros que desfazem para o cachimbo.

Mas o tabaco ideal para eles era o antigo Holandês, muito forte e aromático, a que eu usava adicionar um pouco de cognal, que então era apreciadíssimo por eles.

Usava este sistema para dar os «mata-bichos», e tinha-o, em Mauçacunde, numa lata que levava meio quilo, em cima da secretária.

A's vezes presenteava-os com um pacote de 50 gramas, mas eles, apontando para a lata:

— Senhor, daquele que é «pachoca anau» (muito bom).

O tabaco de rolo é de fabricação primitivamente indígena, mas as fábricas de tabaco creio que já o apresentam no mercado com o mesmo aspecto, e até com o de bola, que também é indígena.

Consiste em enrolar o tabaco, depois de fermentado e ainda húmido e feito em trança da grossura de um dedo, em volta de dois paus cruzados com o tamanho de dois centímetros.

Produz um fumo de cheiro desagradável e é muito forte, sendo usado pelo gentio e por alguns apreciadores.

Mas quando não havia doutro, o que às vezes sucedia, aquele não era desdenhado.

Também usavam cânhamo, mas isso era proibido, porque o seu fumo é hipnotizante, além de conduzir ao vício e transformando os fumadores em verdadeiros cadáveres ambulantes, produzindo-lhes a morte em pouco tempo.

Usavam uns cachimbos feitos de duas cabaças pequenas, uma das quais tem o braseiro e a outra a água, por onde passa o fumo antes de ser aspirado.

E uma espécie de «narguilê», ou de cachimbo para fumar ópio.

Com duas ou três fumaças tornam-se inconscientes para ali ficam insensíveis e bestializados.

Vi alguns, muito poucos, fumá-lo e era um triste espectáculo, mas nada se podia fazer, visto que esses eram inveterados fumadores a quem a supressão dessa prática podia apressar a morte.

O rapé trazem-no em um

estoujo feito de um cifre de antilope, pendurado à cinta, e a tampa tem uma haste, como um ponteiro, que entra no chifre, que serve para moer o tabaco de cada vez que se querem utilizar dele.

Para o tomarem, depois da prévia operação de o moerem, lançam-no na palma da mão e aspiram-no daí pelas ventas. Alguns desses estojos têm uma ornamentação artística e muito curiosa.

O tabaco de que se servem é o vulgar de fumo, de rolo, em fio, de pontas de cigarro, de bola, etc..

Continua.

A. DE QUADROS FLORES.

Quando lhe mostrarem
uma "GABARDINE"
veja se é



Único Vendedor nesta cidade:

Casa Laranjeiro

440

Telefone, 4413

GUIMARÃES

LEILÃO DE PENHORES

**Caixa Geral de Depósitos,
Crédito e Previdência**

Casa de Crédito Popular

Agência n.º 59

GUIMARÃES

Avisam-se os mutuários que no dia 14 de Janeiro próximo futuro, pelas 14 horas, se procederá na Agência n.º 7 desta Casa de Crédito Popular, na rua Fernandes Tomás n.º 553, no Porto, ao leilão de todos os penhores cujos contratos tenham o pagamento de juros em atraso mais de três meses.

A Agência receberá juros em dívida até ao dia 10 do referido mês.

Repartição da Casa de Crédito Popular, em 12 de Novembro de 1951.

524

O Chefe da Repartição,

a) *Francisco Cordeiro.*

**OS CABELOS E O BIGODE
BRANCO GRITAM VELHICE**

A LOÇÃO COLÓNIA «MIN-HÓR» em 10 a 15 dias, discretamente, sem ninguém perceber, faz dos seus cabelos grisalhos ou brancos, cabelos jovens — como eram dantes.

“MIN-HÓR”

528

Vende-se em todas as Farmácias

Se tiver de comprar sapatos dirija-se à Sapataria Luso que compra bem.

A Sapataria Luso,

cujas seriedade de comerciar já é bem conhecida, não receia a concorrência.

424

OFICINA DE REPARAÇÕES

DE MÁQUINAS DE ESCRIVER
— E COSTURA

R. DA CALDEIROA, 16-16-A
Telefone, 40408

Vendem-se máquinas de escrever e costura desde 500\$00.

517

Alugam-se máquinas de escrever e somar

Notícias de Guimarães n.º 1038 — 9-12-1951



COMARCA DE GUIMARÃES
Secretaria Judicial

ANÚNCIO

(2.ª publicação)

No dia 15 de Dezembro próximo, pelas 11 horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca, vão à praça, em plena propriedade, para serem arrematados, pelo maior lance oferecido, os prédios abaixo indicados e descritos no inventário de maiores por falecimento de Joaquim Novais, solteiro, presbítero, morador que foi no Largo Martins Sarmiento, desta cidade, para pagamento do passivo descrito e aprovado no referido inventário.

PRÉDIOS A PRACIAR

A) — O assento do casal da Igreja Velha, situada na freguesia de Atães, desta comarca, que se compõe da Mata de Aboim, do Campo de Aboim de Baixo, do Campo do Meio, do campo Grande, da leira de Olival Novo, do campo da Eira, do campo do Penedo, do campo do Olival Velho, da leira do Olival Velho, de metade da leira sobre a Varzea, da leira do Adrino, do campo do Pomar, do assento do Casal, da leira da Deveza de Baixo, da leira da Deveza de Cima, da leira do Alpendre Nova, das leiras das Bouças e da leira da Horta ou Leirinho e ainda de uma morada de casas de dois andares com quintal, descritos na Conservatória do Registo Predial desta comarca, sob o número dez mil e novecentos e inscritos na matriz rústica sob os art.º 906 a 915 e 921 a 929 e na matriz urbana sob o artigo 14.

B) — Rôço da Casa ou Fonte Nova, sito na freguesia de Atães desta comarca, descritos na Conservatória sob o número 10.902 e inscrito na matriz rústica sob o artigo 963. Estes prédios vão em conjunto à Praça pela quantia de trezentos mil escudos 300.000\$00.

Guimarães, 26 de Novembro de 1951.

O Chefe da 2.ª Secção

Maurício da Ponte Machado.

O Juiz de Direito,

Lobo e Silva.

“Não decida à toa...”



É O IMPERMEÁVEL
QUE LHE CONVÉM

EXCLUSIVO de

«A IMPERIAL»

R. de Santo António, 32-34 — Tel., 40187
GUIMARÃES

TEM FRIO?

Compre os agasalhos na Camisaria Martins e Casa Jaime ao Tournal. O maior sortido em blusas, casacos, polouverses, camisolas, ceroulas, peúgas e meias de lã. Calçado de agasalho, tudo para homem, senhora e criança. Grande sortido. Camisaria Martins e Casa Jaime ao Tournal.

458

Ofertas e Procuras

SEMENTE MILAGROSA DE MATO AMERICANO

Cada tojeira desenvolve um cesto de mato. Só se encontra à venda na Tip. Minerva, redacção do jornal «O Tempo» — Largo da Ajuda — Penafiel.
Cada meio litro, 40\$00.
Proprietários de mentalidade, se meai.
Os vossos montes estão pobres.

Vende-se

Magnífico terreno para construções, com lindíssimas vistas, marginal à estrada, no lugar da porta, arrabaldes desta cidade.
Para informações falar com o agricultor António Ribeiro, da quinta da Porta, na estrada de Fafe. 481

PADARIA E MERCEARIA — PASSAM-SE —

Rua da Madrôa, 3 e 5.
Falar com o próprio.

521

ESCRITURÁRIO

Encarrega-se duma escrita comercial ou industrial, em horas a combinar.
Carta à redacção deste jornal às iniciais M. R.

528

Vende-se

Um Jazigo-Capela de 12 divisões. Falar com o construtor civil Joaquim da Silva, das 12 às 13 horas na Pensão «A Marisqueira» — Rua de S. Dâmaso, em Guimarães.

531

Vende-se

Fogão circular a lenha com portas de esmalte com duas fornhalhas e duas tampas, sendo uma preta e outra branca polida, com serpentina própria para quarto de banho. Bom estado e barato.

— Motor eléctrico de 3 HP estrangeiro, com carris e volante para bomba de tirar água.

— Automático eléctrico DAMA. Tratar com Alberto Gomes Alves — Largo do Tournal.

530

Câmara Municipal de Guimarães

ANUNCIO

Faz-se público que no dia 19 de Dezembro de 1951 pelas 15 horas na Câmara Municipal de Guimarães perante a Comissão para esse fim nomeada, se procederá ao concurso público para arrematação da obra de «Ajardinamento e abertura de duas Ruas no Campo do Prado em Vizela — 2.ª fase».

Base de licitação 119.880\$00 (cento e dezanove mil, oitocentos e oitenta escudos).

Para ser admitido ao concurso é necessário apresentar documento comprovativo de ter feito na Caixa Geral de Depósitos, suas Filiais ou Delegações o depósito provisório de 2.997\$00 (dois mil, novecentos e noventa e sete escudos) mediante a guia passada pela Secretaria da Câmara Municipal em qualquer dia útil, durante as horas de expediente até às 12 horas do dia do concurso.

O depósito definitivo será de 5% da importância da adjudicação.

O programa do concurso e o projecto estão patentes todos os dias úteis durante as horas de expediente na Repartição de Engenharia da Câmara Municipal de Guimarães e na Direcção de Urbanização de Braga.

Guimarães, 29 de Novembro de 1951.

O Presidente da Câmara Municipal,

529

*Augusto Gomes de Castro
Ferreira da Cunha.*

TIPOGRAFIA “IDEAL”

Trabalhos em todos os géneros

TELEFONE, 4881

GUIMARÃES

PIC-NIC

BRANCO OU TINTO

Bebê-lo uma vez
é preferi-lo sempre

Distribuidor: **A. GOUVEIA** — Tel. 40321 — GUIMARÃES

478

“Quinta de Santo André” — Vende-se

Vende-se a «Quinta de Santo André», sita nesta cidade de Guimarães, constituída por casas de senhorio e de caseiro, terrenos de lavradio e bravio.

Dirigir propostas para a compra em conjunto ou de cada lote, separadamente, ao Sr. Camilo Laranjeiro dos Reis — Largo do Tournal — Guimarães.

494



O CALÇADO IDEAL PARA CRIANÇAS

ANDA MUITO
BRINCA MUITO
DURA MUITO...

196

UM EXCLUSIVO DA “SAPATARIA LUSO”

HOTEL DA PENHA

TELEFONE, 4245

CONCESSIONÁRIA:

Antónia Teixeira Mendes Duarte

ABERTO TODO O ANO

Aceitam-se Serviços de Casamentos, Baptizados, Banquetes, Copos de Água, etc.

PASSAGENS DE FINS DE SEMANA:

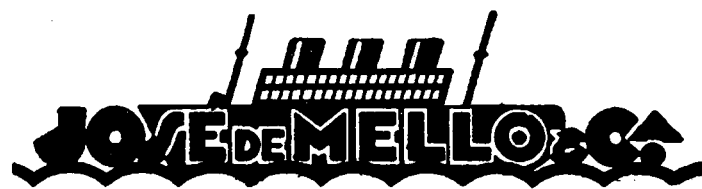
Jantar de Sábado, dormida, diária de Domingo e pequeno almoço de Segunda-feira por Esc. 80\$00.

466

Agentes Transitários e Camionistas

Encarregam-se do desembaraço de mercadorias, por Exportação e Importação.

Sua Recolha ou entrega no Domicílio.



Casa fundada em 1882

ESCRITÓRIOS: **Rua Nova de Alfândega n.º 67 — PORTO**

com Armazém de Retem e Depósitos
(Área coberta: 3.000 metros quadrados)

EM MATOSINHOS:

R. de Brito Capelo n.º 912 e R. de Roberto Ivens n.º 903
Telefones: 21073 e 21074 — Mat. 647 — Est. 57

G. LEITE DE FARIA

Ex-Médico dos Sanatórios do Caramulo
Ex-Estagiário do I. P. M. de Madrid (Prof. Maranon)

RADIOSCOPIA

Largo do Tournal, 58-1.º
Telef., 40178

495

GUIMARÃES

NÃO SE ESQUEÇA

De que a Casa Jaime, ao Tournal tem o maior sortido de Gabardines, Trincheiras, Zambrenes.

Esta Casa é especializada em Gabardines, Camisas, Malhas, Chapéus, Luvas, Perfumes e artigos para brinde. Novidades o melhor sortido, só na Casa Jaime ao Tournal.

437

NÃO SE ESQUEÇA

EVA apresenta um lindo sortido de toailhas regionais.

470

Anunciar no NOTÍCIAS DE GUIMARÃES